

SABERES DO MATO: UMA RELAÇÃO ENTRE ETNOBOTÂNICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Kassiane Queiroz Feitoza-UFS

Maísa Santos Reis- UFS

Wellington César dos Santos Silva Filho-UFS

Prof^ª.Dra Isabela Correia Rosa-UFS

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de descrever uma experiência vivenciada por licenciandos de Ciências Biológicas, na Universidade Federal de Sergipe, durante a disciplina de Perspectivas Culturais, a partir do Bioexplora, evento no qual recebeu discentes do ensino médio da Escola Estadual Armino Guarani. Partindo do pressuposto, o planejamento iniciou por uma aula expositiva dialogada, ministrada na disciplina acima citada, conferindo as habilidades e competências da BNCC(Base Nacional Comum Curricular), no que tange ao ensino de botânica no ensino médio, por meio de perspectivas culturais. Em virtude do exposto, a aula conferiu validação para execução do minicurso, no evento. Nesse sentido, o minicurso foi uma ferramenta para uma abordagem mais fluida relacionando a etnobotânica dos povos originários com apropriação de tais saberes pelos colonizadores, problematizando a educação ambiental crítica e reflexiva sobre como esses conhecimentos foram sendo apropriados e demandados a biopirataria, visando práticas sustentáveis dos apropriadores para com a natureza, protegendo recursos naturais. Assim sendo, a experiência com minicurso além de contribuir no ensino de ciências e biologia, proporcionou uma aprendizagem significativa para futuros docentes.

Palavras-Chave: Povos originários; apropriação de conhecimentos; recursos naturais.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo os povos indígenas adquiriram uma gama de conhecimento sobre a biodiversidade, saberes esses resultantes de uma relação intrínseca com o ambiente, o que permitiu a sobrevivência desses povos que retiravam da natureza tudo que necessitavam. Entre esses saberes está o domínio do uso de plantas com propriedades medicinais, tanto para tratamento quanto para a prevenção de enfermidades (Suruí et al., 2020).

Esses conhecimentos são denominados conhecimentos tradicionais por serem produzidos por povos indígenas e comunidades locais que possuem características culturais específicas, que as diferenciam do restante da sociedade brasileira, e pelo fato de serem transmitidos predominantemente de forma oral, muitas vezes através de línguas diferentes do português. Esses conhecimentos são parte da identidade destes povos e comunidades, isto é, de

seus valores, significados e razão de ser como povos, além de garantir sua sobrevivência (Garcez, et al., 2012).

Em virtude do exposto, os saberes dos povos originários, tem grande importância na manutenção e vida do seu povo, como; para uso cirúrgico, terapêutico, alimentício, rituais. Somado a isso, os mesmos utilizam os recursos naturais de forma sustentável, a fim de preservar a biodiversidade. Em contrapartida, esses conhecimentos correm risco de desaparecer devido ao processo de colonização e introdução de diferentes culturas antes mesmo dessas plantas serem descobertas pela ciência moderna (Garcez, et al., 2012).

O não reconhecimento e o consequente apagamento dos conhecimentos indígenas constituem práticas instauradas desde o início do processo colonizatório. A atitude dos europeus em se julgarem superiores, provocou uma série de visões estereotipadas a respeito dos povos indígenas que, todavia, permanecem até os dias de hoje (Paula, 2017). Contudo, a prática incessante de domínio desses conhecimentos por parte do homem branco, conta com a função de movimentar a economia através da biopirataria, qual pode ser entendida como a apropriação indevida de conhecimentos tradicionais, bem como a subtração e utilização dos recursos naturais de maneira ilegal (Bioni, et al., 2020).

Nesse contexto, os estudos etnobotânicos são de grande relevância, pois possibilita documentar os saberes locais sobre o uso das plantas, contribuindo para a conservação da biodiversidade e fornecendo subsídios para a formulação de políticas públicas adequadas a atender as necessidades básicas dessas populações (Coimbra jr., 1985; Kffuri, 2008).

A etnobotânica também pode ser utilizada como metodologia de ensino capaz de fazer a conexão entre o conhecimento tradicional e científico, preenchendo as lacunas existentes entre ambos e rompendo com os métodos tradicionais de ensino no qual “o educando tinha uma única escolha de ação, qual seja, permanecer sentado, imóvel e em silêncio, podendo dialogar apenas com seus pensamentos” (Siqueira; Pereira, 2014, p. 247).

Somado a isso, a educação ambiental move-se a uma interligação para problematizar as questões que visam contribuir, a partir da interrelação de ciências e saberes, nas várias áreas, para um arcabouço de conhecimentos que visem ao desenvolvimento, à manutenção da vida e ao bem-estar dos seres humanos no planeta, mas de forma sustentável, sem agressões ao meio ambiente e às demais espécies (Rodrigues, et al.,).

A partir das questões expostas, o presente relato tem como objetivo relatar a experiência de trabalhar com etnobotânica e saberes dos povos originários, usando a ferramenta mini curso, com alunos da educação básica. Dessa forma, fica evidente portanto, a transcendência de abordar os conhecimentos tradicionais desse povo, salientando a forma correta de beber da

sabedoria indígena. Em virtude disso, utilizar o minicurso como ferramenta para deixar a aula de botânica mais palpável foi ideal. Não só, mas como também, interligar a educação ambiental para uma sociedade com hábitos sustentável.

SEÇÃO 1

Imagem 1- Grupo do minicurso



Fonte: autoria própria.

Imagem 2- Grupo com a orientadora



Fonte: autoria própria.

SEÇÃO 2

A construção do mini curso para abordar botânica por meio de perspectivas culturais, contribuiu para uma prática rica em conhecimentos perpassados dos povos originários. Ademais, colaborou na formação crítica dos discentes da rede básica, ampliando os horizontes dos mesmos, por meio de questionamentos de onde vem os saberes de plantas medicinais e a importância da conservação dos recursos naturais. Diante disso, a prática foi dividida em duas partes, inicialmente, houve a produção do plano de aula, devidamente apresentado à orientadora com aplicação aprovada. Partindo para a segunda etapa, a mesma deu início ao evento com aula expositiva dialogada de botânica sob perspectivas culturais, abordando os saberes de plantas medicinais, apropriação cultural, biopirataria, exploração dos recursos naturais e leis que regem os direitos dos povos originários.

Somado a isso, no momento de discussão, foram expostas plantas com valores medicinais, coletadas no campus de São Cristóvão, valorizando os grupos trabalhados na aula expositiva dialogada(briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas) e os saberes medicinais sobre esses grupos. Com isso, notamos que as raízes indígenas têm forte presença na sociedade atual, visto que, houve um engajamento participativo grande na turma, a maioria dos alunos sabiam os nomes populares das plantas mostradas e também para que servia medicinalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visualizar o ensino de biologia como parte das perspectivas culturais, foi a prática mais exercitada durante a matéria de perspectivas culturais. Outrossim, valorizar os conhecimentos dos povos originários é de suma importância para a sociedade. Visto que, muitos desses saberes são negligenciados ou apropriados pela cultura dominante. Ademais, abordar a educação ambiental para preservar os conceitos e práticas da etnobotânica valoriza os saberes que são passados através da oralidade de geração a geração. Nesse sentido, foi de suma importância o uso do mini curso como ferramenta para uma aprendizagem significativa, dialogada, prática e crítica, desempenhando um papel crucial para participação ativa dos alunos. Portanto, fica evidente que o papel do docente de Ciências e Biologia, no que tange à problematização de questões culturais e ambientais, dentro da sala de aula é de extrema transcendência e pode ser feita por meio de diversas ferramentas, práticas principalmente, para exercitar o aluno crítico, protagonista da sua própria construção de um ser educacional e social ético.

REFERÊNCIAS

Bioni, Hermison Ricardo & Vaz da Silveira, Andréia de Jesus. **Biopirataria dos conhecimentos tradicionais indígenas: fragilidades da Lei 13.123/15**. *Revista Interfaces*, nov. 2020.

Coimbra jr, C. E. A. **Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia: Plantas de importância econômica**. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Antropologia, v. 2, n. 1, p. 37-55, 1985.

Dias Suruí, Nauana, Dias, Chicoepab Suruí. ***Ethnobotanics and Indigenous School Education: A Possibility Among the Paiter Suruí***. Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, v. 9, n. 2, p. 51-65, 2020.

Lopés Garcés, Claudia Leonor (Coord.), Azevedo, Cristina, Oliveira & Ana Gita de. **Cartilha: Proteção aos conhecimentos dos povos indígenas e das sociedades tradicionais da Amazônia**. 4. ed. Brasília, 2012.

Paula, Eunice. **Os saberes e valores indígenas transformando os processos de escolarização**. *R. Educ. Públ.*, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 355-372, maio-ago. 2017.

Rodrigues, Domingos Benedetti, Santos, Girardon, Lopes, Denise, Mello, Rafael, Shuck, Fatima. **A educação ambiental como instrumento de proteção dos saberes tradicionais dos povos indígenas**.

Rosabon Camilly, Queiroz Danilo, Silva Gustavo, & Said, Tabita. **Saberes indígenas contribuem para a diversidade de pesquisas e eventos na USP**. *Jornal da USP*, São Paulo, 20 out. 2022.

Silva, Ana Paula. **Saberes tradicionais indígenas nos séculos XVI e XVII**. *RAI. RUM.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 85-155, jun. 2014.

Suruí, P. **Tradicionais Plantas Medicinais Do Povo Paiter Suruí**, Cacoal - Rondônia. 2017. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Bacharel em Enfermagem, Instituição de Ensino Superior de Cacoal - FANORTE, Cacoal, 2017.

Siqueira, A. B.; Pereira, S. M. **Abordagem etnobotânica no ensino de Biologia**. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 31, n.2, p. 247-260, jul./dez. 2014.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Federal de Sergipe, ao Departamento de Biologia, ao

Colégio Estadual Armino Guaraná. Além disso, dedicamos o relato acima descrito à Dra^a Isabel Correa Rosa, por tornar o ensino de biologia palpável, problematizando questões tradicionais de construção social. Ademais, reconhecer o potencial e perceber cada discente minuciosamente em suas individualidade para uma construção coletiva.